

A ÁGUA NAS RELIGIÕES

Dr. Pe. Marcial Maçaneiro, scj

Introdução

Tratar da água nas Religiões é como navegar num largo oceano. Há uma multidão de divindades, ritos e mitologias aquáticas, que se conectam entre si e se estendem numa teia de analogias. As Religiões desenvolveram uma relação vital e simbólica com a água. Isto se mostra na tradição oral, nos textos sagrados, no culto, nas práticas terapêuticas e no código comportamental. Neste breve estudo apresento seis tópicos: águas matriciais, água e origem do cosmos, ritos de imersão, mitologias diluvianas, a relação água-lua-mulher e, enfim, o simbolismo do jardim e da água-da-vida. Temas significativos, tanto na ótica da fenomenologia religiosa, quanto na perspectiva de uma espiritualidade da Criação que nos inspire o “cuidado das águas”.

Para adentrar neste espaço sagrado com a devida sensibilidade, me permitam abrir estas linhas com uma experiência.

1. Da Mantiqueira à Cordilheira

Enquanto eu pesquisava algumas narrativas e redigia este texto, empreendi uma viagem marcada pela água. Tudo começou espontaneamente, com os compromissos agendados para janeiro de 2004. Somando as viagens, me desloquei da Serra da Mantiqueira (S. Paulo, Brasil) à Cordilheira dos Andes (Santiago, Chile)¹. Foram vinte e seis dias transcorridos com visitas, celebrações, reuniões e a orientação de um retiro. Neste trajeto, a presença constante da água conquistou meu olhar e minha reflexão. De início, com timidez e simplicidade, entre litros de água bebidos, que mudavam surpreendentemente de sabor à medida que a viagem avançava. Depois, me descobri inserido num contexto em que a água se movimentava, às vezes abundante, às vezes rara, mas sempre necessária e vital.

Deixando São Paulo pela Via Dutra, pude ver densas nuvens cobrindo a Mantiqueira, serra-fronteira de muitas belezas. Eu, que tanto aprecio o deserto e seu simbolismo nas religiões abraâmicas, fui tomado de admiração por uma imagem hierofânica de outro tipo: as nuvens caíam sobre a serra, revestindo rochas e matas, concentrando-se em certos pontos de tal modo, que céu e terra se confundiam. O mais impressionante veio a seguir, quando naquele horizonte

¹ Agradeço à Província Chilena dos Padres do Coração de Jesus (dehonianos) a convivência transcorrida no Chile, de 14 a 26 de janeiro de 2004, às vésperas de sua Assembléia.

cinza e de aspecto profundo, começou a chover. Com um olhar largo, distante, mas atento, pode-se acompanhar a condensação de vapores num determinado espaço, formando cascatas no ar, cujas águas se precipitam cada vez mais potentes, como camadas de cortinas finas a se sobrepor. Eis a chuva! Algo tão corriqueiro e ao mesmo tempo tão impressionante. Não é de admirar que tantas religiões a considerem manifestação das bênçãos divinas. Nas áreas tropicais a chuva é tão comum, que quase esquecemos a complexidade do fenômeno, etapa importantíssima do ciclo hidrológico.

La camanchaca: gotas de vida

Diante daquela chuva abundante, lembrei-me da brisa fina, quase invisível, que cai do outro lado da América do Sul – mais precisamente em Lima (Peru) – onde certa vez estive. A cidade quase não possui telhados, porque não há chuvas como ao sul dos trópicos (os poucos telhados existentes têm função mais arquitetônica que protetora). A brisa serena da cidade de Lima – mais sutil que a garoa paulista – não é chuva, mas gotículas d'água que descem do alto da Cordilheira dos Andes, movidas pelo vento que sopra nos gigantescos picos nevados. Esta brisa é conhecida como *camanchaca* (em língua aymará). Graças a ela, alguns povos andinos conseguem sobreviver: perto de suas cabanas estendem umas peças de pano, de trançado fino, num tipo de varal, onde a *camanchaca* se deposita. Depois, comprimem os panos e retiram a água (lembrando o fato, indaguei-me se o mesmo acontecia no Chile, para onde me encaminhava).

Enquanto isso, minha viagem chegou a Minas Gerais. As festas de ano novo tinham-se encerrado. Decidi buscar sossego no interior. O objetivo era a localidade de Macacos, em Nova Lima. Porém, a queda ininterrupta de fortes chuvas conturbou os planos. O rio se encheu. O nível de umidade subiu, para alegria da flora local. Coincidência ou não, o centro de Macacos se chama Arraial de São Sebastião das Águas Claras. Como alternativa, fui a Congonhas para admirar o perímetro histórico, com formosas igrejas barrocas. Mais uma vez, a chuva invadiu o cenário e banhou os profetas esculpidos por Aleijadinho. Percebi que o fato era antigo: desde a época colonial, o curso das águas desenha a cidade, contorna os morros, sugere a rota das estradas e desafia a ferrovia. E assim se passaram os primeiros dias de 2004 em Minas Gerais: com muita chuva, benéfica de um lado, perigosa de outro. Na capital, a água descia pelas ladeiras violentamente, num curso que poderia ser menos forçado se o planejamento urbano respeitasse mais a natureza. Centenas de litros-cúbicos de água se perdiam ou eram desviados para baixadas, sem sequer tocar a terra. Tanta água e o subsolo seco, isolado pelo asfalto e pelo cimento. Nada de jardim. Nada de horta. Nada de postos de captação. Seria possível reverter isto? Seria possível planejar de outra maneira nossas cidades, sobretudo as metrópoles? Aqui vai um desafio à engenharia urbana e à administração pública, convidadas a respeitar o curso das águas para que estes respeitem a cidade, irrigando-a em vez de destruir. As casas construídas em barrancos sob constante ameaça de deslizamento, a carência de infra-estrutura das periferias e as doenças causadas

pela falta de saneamento pedem uma séria revisão de nosso relacionamento com a água, em termos de educação, cidadania e gestão ambiental².

De Los Andes a Valparaíso

Encerrada a estadia em Minas, fui para o Chile. Lá, Santiago me esperava com seu clima seco e a vegetação característica da pré-Cordilheira. Atravessei o semi-deserto de Los Andes, seguindo “al Oriente” (direção leste)³. No Chile a água deve ser mantida e distribuída com muito cuidado. Contam-se poucos rios de porte significativo, como o Calle-Calle e o Baker. O mapa desenhado pela água é muito singular: ao norte está o deserto de Atacama (seco, mas paradoxalmente florido após as chuvas invernais); ao sul encontra-se a Região dos Lagos, com o famoso *Lago de Todos los Santos*, de origem vulcânica. Muitas cidades são abastecidas pela água oriunda da Cordilheira. Há água mineral nas suas entranhas. E alguns rios nascem das altas geleiras, escorrendo ligeiros “al Poniente” (direção oeste). Ao longo destes rios surgem os *pueblitos* (povoações), como San José de Maipo, nas cercanias de Santiago. O clima seco do centro-norte e a raridade das águas contrastam com a longa costa, com praias e portos como em Valparaíso, cidade estratégica para o comércio, o turismo e a soberania do Pacífico-Sul chileno. Mais uma vez a água contribui para a vida do país: criam-se salmões e outros peixes preciosos, gerando emprego, possibilitando a exportação e fomentando pesquisas em biologia oceânica. No extremo sul o cenário muda mais uma vez: inúmeras ilhas, algumas habitadas como Chiloé, com clima úmido e colinas verdes. Os vulcões são muitos e a água é gélida, apontando para a vizinha Antártida.

Deste quadro resultam aspectos práticos e simbólicos. Práticos, como a conservação das fontes e o aproveitamento da terra para o plantio de milho e uva; simbólicos, como a veneração de lagos sagrados e uma relação afetiva com a Cordilheira. Encimada por neves claras e lagos profundos, a Cordilheira inspira respeito e contemplação. Não por acaso, foi a seus pés que se instalaram templos e comunidades contemplativas: o *Carmelo del Espíritu Santo* em Los Andes (onde viveu Teresa de Los Andes), o *Convento Dominicano* de Las Condes e o *Monasterio Benedictino de la Trinidad* numa colina de Alto Las Condes. Da vida florescente entre a Cordilheira e o Pacífico brotaram poetas como Pablo Neruda:

*Estoy mirando, oyendo,
con la mitad del alma en el mar y la mitad del alma en la tierra;
y con las dos mitades del alma miro al mundo.*⁴

² Cf. BEOZZO, Oscar (org.). *Água é vida*. S. Paulo: Paulus; CESEP, 2003. p. 21-106.

³ Nas estradas do Chile os sinais “al Oriente” e “al Poniente” indicam, respectivamente, a direção leste (rumo à Cordilheira, oriente) e oeste (rumo ao Pacífico, poente).

⁴ “Estou olhando e ouvindo, com metade da alma no mar e outra metade na terra; e com as duas metades da alma, vejo o mundo”: NERUDA, Pablo. *Residencia en la tierra*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1976, p. 114.

2. Matriz da vida

Se hoje consideramos a água um elemento sagrado, cantada por poetas e com direitos proclamados pela ONU⁵, muito maior tem sido sua valorização na história passada e atual das Religiões. Desde que Empédocles propôs a *água*, o *fogo*, a *terra* e o *ar* como princípios da realidade natural, o Ocidente se habituou à chamada “cultura dos quatro elementos”⁶. Estes corpos simples concorrem na composição plural da natureza. Cada um possui sua *virtus* (força ou potência próprias). O fogo, por exemplo, é o único elemento que transforma em si tudo o que toca: esta é sua *virtus*, dotada de sutileza, luz e calor. O fogo intriga e é freqüentemente divinizado. Entretanto, na maioria das tradições religiosas e filosóficas a água ocupa um lugar especial, porque sua *virtus* tem uma eficácia distinta e única: enquanto o fogo purifica e limpa porque decompõe, derrete e decanta os objetos, somente a água os reduz ao estágio germinal, recompondo-os depois como algo totalmente recriado. É na água que todas as coisas encontram sua origem e a chance de serem renovadas: “Oh água, tu és a fonte de todas as coisas e de toda a existência”⁷. Até hoje os índios karajás lembram dos tempos míticos, quando eram imortais e viviam entre os peixes, no fundo do rio Araguaia⁸.

As águas são o fundamento do mundo, a essência da vegetação, o elixir da imortalidade, a força criadora da natureza e princípio de cura⁹. As antigas tradições acreditavam que a água é a substância primordial de onde nascem todas as formas de vida e para a qual retornam. Na profundidade das águas primordiais, os seres mergulham, se dissolvem e dali renascem. Enquanto o fogo purifica por destruição, a água atua por regeneração: ela cancela a história e a existência, reduz os seres ao seu estágio informe e virtual, para lhes recompor integralmente, como seres renascidos – não por virtude deles mesmos – mas como dádiva da água. Várias narrativas sagradas falam de um mar, lago, oceano ou abismo repleto de água matricial, onde toda a natureza está contida, guardada silenciosamente em seu estágio pré-epifânico, como um todo não-fragmentado, como pura potencialidade. Na obra *Metamorfose*, por exemplo, o escritor latino Ovídio fala do caos como amálgama onde se confundem terra, água e ar; luz e trevas; o quente e o frio; o leve e o pesado. Apesar do aspecto confuso, esta amálgama contém as sementes de todas as coisas (*semina rerum*)¹⁰.

⁵ Cf. ONU. “Declaração universal dos direitos da água”. In CARITAS. *Bendita água*. Brasília: Cáritas; Goiânia: CPT, 2003. p. 54-56.

⁶ Cf. BÖHME, Gernot; BÖHME, Hartmut. *Fuego, agua, tierra, aire: una historia de la cultura de los elementos*. Barcelona: Herder, 1998.

⁷ No texto hindu *Bhavicotyara-Purana* 31, apud ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Lisboa: Cosmos; Santos: Martins Fontes, 1970. p. 231.

⁸ Crença karajá reportada no mesmo *Tratado* de ELIADE, Mircea, p. 235. Cf. também BARROS, Marcelo. *O espírito vem pelas águas*. S. Paulo: Loyola, ETC.

⁹ Idem, p. 231.

¹⁰ Cf. OVÍDIO. *Metamorfose* I, 5-20.

3. O cosmos que nasce das águas

Muitas narrativas cosmogônicas (que contam como surgiu o cosmos) se baseiam nas águas primigênicas. A mitologia indiana ensina que no tempo-antes-do-tempo existiam as águas primordiais, onde flutuava mansamente Narayana. Estas águas, sobre as quais a divindade flutua impassível, simbolizam o estado de repouso e indiferenciação: a noite cósmica. O próprio Narayana dormia. E do seu umbigo – ou seja, de um *centro do mundo* – brotou a primeira forma cósmica: o lótus. Venerado por hindus e budistas, o lótus é símbolo da ondulação universal, da seiva germinativa, mas sonolenta, da vida que aguarda o despertar da consciência¹¹. Numa outra narrativa, o deus Vishnu assume a forma de um gigantesco javali, desce ao fundo das águas primordiais e retira a Terra do abismo. A mitologia babilônica, por sua vez, fala de um caos aquático, um oceano original formado pelo casal Apsu (masculino) e Tiamat (feminino). O primeiro personifica a água-doce na qual, mais tarde, flutuará a Terra. Enquanto que a deusa Tiamat representa o mar salgado e amargo, povoado de monstros. O *Enuma Elish* – poema babilônico da criação – começa assim:

*Quando lá no alto os céus ainda não tinham nome,
quando cá em baixo a Terra ainda não tinha nome,
o primordial Apsu que os gerou (...)
e Tiamat, mãe de todos,
confundiam todas as águas.*¹²

O fato de imergir nas águas profundas poderia significar também morte e destruição, se as narrativas terminassem neste ponto. Mas quando o tema é a geração da vida, há uma noção de passagem ou surgimento a partir das águas. Na Bíblia judaica, o Gênesis fala da água original agitada pelo Sopro divino (cf. Gn 1,1-2). Neste caso, o nome hebraico para o abismo é *tohú-wa-bohú*, cuja pronúncia sugere o bramido das águas originais, com seus profundos turbilhões. Também a travessia de Israel pelo Mar dos Juncos é vista como renascimento do povo eleito. Experiência prefigurada no nome de Moisés; em hebraico *Moshe* = salvo das águas (derivado do hebraico *maim*, águas: cf. Êx 2 e 14). Nas Escrituras cristãs, Pedro diz que “existiram outrora céus e terra, esta tirada da água, e estabelecida no meio da água pela Palavra de Deus” (2Pd 3,5).

Em muitas mitologias, a criação acontece na medida em que o caos é ordenado, pela separação dos elementos (água-terra-fogo-ar). Assim o caos (desarmonia) se transforma em *cosmos* (harmonia). Em muitas narrativas este processo de ordenamento cósmico parte da água, ou a supõe como invólucro do caos. A água não seria apenas *um* dos elementos, mas o elemento primevo em que os outros estavam imersos, ainda informes e confusos, no fundo do abismo. Diante disto, o Rig-Veda se pergunta:

¹¹ Fragmentos do mito de Narayana, apud ELIADE, Mircea, op. cit., p. 234.

¹² *Enuma Elish* 1,1-5, apud ELIADE, Mircea, op. cit., p. 235. Também McCALL, Henrietta. *Mitos da mesopotâmia*. S. Paulo: Moraes, 1994. p. 52-59 (O passado lendário).

*Não havia nem ser, nem não-ser. Não existia o ar nem o alto céu.
Que era aquilo que oscilava de um lado a outro? Onde?
Sob qual proteção?
O que era aquela profunda e insondável água?*¹³

O ato criador geralmente começa pela água, quando a divindade a distingue e organiza, separando-a da terra, do fogo e do ar. É a partir da água que acontece a distinção das outras formas cósmicas:

*Os céus e a terra formavam uma massa única que nós separamos. (...)
Nós criamos cada ser vivo a partir da água.*¹⁴

4. Ritos de aspersão, ablução e imersão

Nas Religiões, o uso ritual da água segue um ritmo de envolvimento crescente: vai desde a simples aspersão, até a total imersão. Outro ritmo a considerar é o da interioridade, que vai da sensibilidade exterior àquela interior, com a ingestão de águas sagradas ou abençoadas. Gestos culturais desse tipo registram-se amplamente. Para se livrarem do ciclo de reencarnações, os hindus mergulham no Ganges, Yamuna e Godavari, considerados rios sagrados. Os judeus se purificam pela *mikvá*, banho ritual. Os muçulmanos lavam os pés, os braços e o rosto antes da oração. Nos templos subterrâneos dedicados a Mithra havia um córrego, para lavacros de iniciação. Na Gália pré-românica (atual França) centenas de lagoas e fontes eram consideradas miraculosas: beber sua água assegurava saúde, fertilidade e boa-sorte¹⁵. Quando João Batista voltou do deserto anunciando o tempo messiânico, usou o banho (*baptismós*) como sinal público de conversão (cf. Mc 1,4-5). Jesus de Nazaré ordenou este rito quando enviou seus apóstolos a pregarem a boa-notícia do Reino de Deus (cf. Mt 28,19). Por que este uso fundamental da água em lavacros e imersões? Mircea Eliade esclarece:

*A imersão equivale, no plano humano, à morte; e no plano cósmico, à catástrofe (o dilúvio) que dissolve periodicamente o mundo no oceano primordial. Desintegrando toda forma e abolindo toda a história, as águas possuem esta virtude de purificação, regeneração e nascimento; porque aquilo que é mergulhado nela “morre” e, erguendo-se das águas, é semelhante a uma criança sem pecados e sem história, capaz de receber uma nova revelação e de começar uma nova vida “limpa”.*¹⁶

¹³ *Rig-Veda X*, 129.

¹⁴ *Alcorão*, Surata 21, 17.

¹⁵ Cf. LOICQ, Jean. “Eaux, culte chez les celtes et les gallo-romains”. In POUPARD, Paul. *Dictionnaire des religions*, vol. 1. Paris: PUF, 1984. p. 561-566.

¹⁶ ELIADE, Mircea, *Tratado de história das religiões*, op. cit., p. 238.

De fato, a purificação pela água é anunciada até mesmo pelos profetas judeus (cf. Ez 36,25 e Zc 13,1). De modo similar, banhos eram freqüentemente celebrados nas religiões místicas. Neste sentido, o cristianismo soube incorporar, no sacramento do batismo, o simbolismo de regeneração que a água irradia:

Não se trata aqui de “influências” ou repetição de símbolos obtidos de outras tradições, porque tais símbolos são arquetípicos e universais. Eles revelam a situação do ser humano no cosmos, valorizando ao mesmo tempo a sua posição perante a divindade (a realidade absoluta) e perante a história. O simbolismo das águas é o produto da intuição do cosmos como unidade e do ser humano como um modo específico de existência, que se realiza através da “história”.¹⁷

Para os cristãos, o Messias Jesus está no centro da história, tornada por ele mesmo uma história de salvação. Mergulhar nas águas batismais é mergulhar no mistério de Cristo: a pessoa morrendo para a iniquidade e ressurgendo redimida. É, agora, uma nova criatura (cf. Rm 6,3-5). Esta teologia regenerativa é solenemente proclamada na oração sobre a água, na liturgia latina do Sábado Santo:

5. Dilúvio e renovação cósmica

O simbolismo diluviano é uma constante em várias tradições religiosas. Além do relato bíblico sobre Noé, a arca e a preservação das espécies em pares, encontramos o mesmo tema na antiga Mesopotâmia (mito de Ghilgamesh)¹⁸. No Brasil, os velhos guaranis transmitem esta história aos mais jovens:

Foi longe, bem longe dos tempos de agora. As águas caíram e começaram a cobrir toda a terra. Os homens subiram ao alto dos montes; um só ficou na várzea com sua esposa. Era Tamandaré: forte entre os fortes, sabia mais que todos. O Senhor falava-lhe de noite. E de dia ele ensinava aos filhos da tribo o que aprendia do céu. Quando todos subiram aos montes, ele disse: “Ficai comigo; fazei como eu, e deixai que venha a água”. Os outros não o escutaram e foram para o alto; e deixaram ele só na várzea com sua companheira, que não o abandonou. Tamandaré tomou sua mulher nos braços e subiu com ela ao olho da palmeira: aí esperou que a água viesse e passasse; a palmeira dava frutos que os alimentavam. A água veio, subiu e cresceu. O sol mergulhou e surgiu uma, duas, três vezes. A terra desapareceu; a árvore desapareceu; a montanha desapareceu. A água tocou o céu e o Senhor mandou, então, que parasse. O sol olhando só viu céu e água – e entre a água e o céu – a palmeira que boiava levando Tamandaré e sua companheira. A corrente cavou a terra; cavando a terra, arrancou a palmeira; arrancando a palmeira, subiu com

¹⁷ Idem, p. 242.

¹⁸ Cf. McCALL, Henrietta, op. cit., p. 38-51.

*ela; subiu acima do vale, acima da árvore, acima da montanha. Todos morreram. A água tocou o céu três sóis com três noites. Depois baixou; baixou até que descobriu a terra. Quando veio o dia, Tamandaré viu que a palmeira estava plantada no meio da várzea. E ouviu a avezinha do céu, o guanumbi, que batia as asas. Desceu com a sua companheira e povoou a terra.*¹⁹

Estas tradições convergem para um significado comum: o dilúvio seria um tipo de submersão planetária, propiciando a regeneração de uma parte ou mesmo de todo o orbe terreno, incluindo a humanidade. É como se a Terra mergulhasse nas águas germinativas, para dissolver sua antiga forma e ressurgir nova e purificada. Assim a água revela sua dupla *virtus*, ao mesmo tempo destruidora e criadora, capaz de arrasar e renovar.

Em certos casos o dilúvio tem a conotação de um *juízo*, em que a força divina – associada à potência das águas – decreta o aniquilamento do mal e o ressurgimento do bem. O dilúvio aparece como restauração de uma ordem que se desfez. As narrativas costumam apontar uma situação anterior de desequilíbrio, em que as relações se invertem: homens se fazem deuses; ídolos são adorados; a mentira ocupa o lugar da verdade; os que carecem de misericórdia não a recebem; quem deveria partilhar não partilha; o hóspede é tratado como escravo; os juízes se tornam injustos; quem deveria governar desgoverna; a natureza é violada e o cosmos se ressentido diante da maldade humana. Há um quadro de desordem social, moral e ecológica. Um tipo de mundo-às-avessas, onde quem possui acumula ainda mais, e quem nada possui é usurpado em seus direitos fundamentais. Diante disto, a divindade aciona a potência das águas, intervindo de modo enérgico e eficaz. As águas do alto céu, que Deus mantinha separadas e sob controle, se unem às águas de baixo, redobrando seu volume e seu furor. Tudo é submerso, exceto poucas criaturas destinadas à reintegração da vida (como em Gn 7–9). Passada a chuva, a Terra ressurgiu das águas e a criação recomeça. Deus se alia aos seres humanos, num pacto de justiça e misericórdia. O arco-íris cruza o céu em sinal de pacificação entre Deus, a humanidade e demais criaturas (aliança cósmica: Gn 9,12). Então a divindade reorganiza as antigas águas, impõe-lhes limites e garante estabilidade à ordem restaurada (cf. Sl 104,7-9).

Esta narrativa – cuja origem é muito mais antiga que sua fixação escrita – vai ecoar nos séculos posteriores. Numa passagem do Evangelho, o rabbi Jesus assume um tom apocalíptico e relaciona o dilúvio com o *juízo* que ele próprio exercerá (cf. Mt 24,37-44). O apóstolo Pedro, por sua vez, se concentra na *renovação* diluviana e diz que ela era uma prefiguração do batismo messiânico (cf. 1Pd 3,20).

¹⁹ Mito transcrito por José de Alencar, no último capítulo de *O guarani*. Cf. ALENCAR, José de. *O guarani*. S. Paulo: Melhoramentos, s.d., p. 499-500.

6. Água, lua, mulher

As águas precedem qualquer forma de vida. Aparecem como matriz primordial de qualquer criação. Daí a força fecundadora que os antigos viam na água, associando-a a outras entidades femininas – como a lua e a mulher – com quem a água mantinha estreita relação. Água-lua-mulher formam uma unidade, um *cosmos* (ordem). A circulação das águas, as fases da lua e o período fértil da mulher eram vistos como três ciclos (hidrológico-lunar-feminino) interligados por um só princípio: a *fertilidade*. Assim se garantia o aparecimento periódico de novas formas de vida e se elaborava uma compreensão cíclica do devir universal.

Isto se verifica em vários momentos da evolução humana. No período neolítico, linhas em zigue-zague representavam a água. O mesmo sinal e significado reaparecem nos hieróglifos egípcios. Já no paleolítico, uma espiral em caracol simbolizava a fecundidade aquática e lunar. Algumas peças arqueológicas têm a espiral desenhada sobre estatuetas femininas, indicando o útero (centro de vida e fertilidade). Nas mitologias ameríndias há desenhos de um vaso cheio de água, no qual cai uma gota vinda de uma nuvem: desenho associado à lua, pois esta mora entre as nuvens, de onde regula as marés e os tempos de semeadura. Neste caso, a água do vaso (água contida na Terra) é o receptáculo, o útero. Enquanto que a gota que desce da nuvem (água dos altos céus) representa o sêmen fecundador. A gota desce do céu como sêmen (simbolismo masculino-urânico) e imerge nas águas da terra, como num útero (simbolismo feminino-telúrico)²⁰.

A associação água-lua-mulher reaparece de muitos modos. Grande parte das divindades e seres míticos relacionados à água é feminina: a deusa Sarasvati dos hindus, a Serpente Alada dos mexicas, a Yara dos tupi-guaranis e a Yemanjá dos iorubás. Sereias e ninfas seduzem os mortais em contos ameríndios, nórdicos e mediterrâneos, com incrível semelhança: Artêmis, Tétis, as Oceanides e novamente Yara²¹.

Na esteira deste simbolismo, a mística e profetisa Hildegarda de Bingen (Alemanha, século XII) descreve uma visão singular: uma figura feminina, de evidente aspecto aquático, coberta por algo semelhante a escamas, de cor verde-azulada (como as águas oceânicas) e coroada com um diadema de ouro. Esta personagem traz em suas mãos a humanidade redimida, do Antigo e Novo testamentos²². Para Hildegarda, tal figura significa a Igreja Mãe e Esposa, encimada por uma coroa nupcial. Mas a representação aquática é intrigante, além de rara entre os místicos cristãos.

²⁰ Informações arqueológicas recolhidas por Mircela ELIADE no seu *Tratado de história das religiões*, op. cit., p. 232-233.

²¹ Cf. Idem, p. 247-250. Ainda BARROS, Marcelo. *O Espírito vem pelas águas*. Goiás: Rede; S. Leopoldo: Cebi, 2003. p. 86-87.

²² Cf. HILDEGARDA DE BINGEN. *Scivias: conoce los caminos*. Madrid: Trotta, 1999. 14a. gravura, referente à quinta visão da Parte II.

7. A “água viva” e o “jardim irrigado”

Como dissemos antes, a água está ligada diretamente à vida. Por isso, as fontes e córregos, as chuvas e tempestades, os lagos e mares constituem lugares hierofânicos: concentram tanta vida, tanto dinamismo, que se tornam um espaço propício à irrupção do Sagrado. Contemplando o ciclo das águas, muitas culturas intuíram a comunicação da divindade. Há de fato uma forte analogia entre água-vida-divindade, presente nas diversas tradições religiosas. Não por um vínculo meramente conceitual, mas pelo caráter arquetípico dos símbolos aquáticos: o que a água faz no planeta, faz também no íntimo de nós, humanos. De certo modo somos água. A própria palavra homo (ser humano, em latim) deriva de humus = a terra úmida, o solo germinativo donde brota a vida, que se desenvolve e alcança formas cada vez mais complexas, da simples ameba à existência psíquica, afetiva e espiritual própria do ser humano. E, todavia, o admirável “complexo humano” entra em colapso, se nos falta água.

Já no ventre materno fomos envoltos em líquido amniótico, iniciando desde então uma experiência de gestação, calor, sustento e proteção relacionada à água. Desta memória longínqua foi chegando até nós a promessa/esperança da eterna geração, à semelhança do ciclo hidrológico: o fato de a água se renovar continuamente mostra que ela possui uma capacidade tremenda de vivificação. Viver plenamente significa beber destas águas vivificantes. Por trás das altas montanhas, na profundidade da terra ou no fundo dos lagos. Em algum lugar brota, escondida, a fonte original. Esta esperança sintetiza o impulso de vida da humanidade. É tão forte que se transforma em mito. As Religiões registram este desejo de regeneração na oferta da “fonte da vida” (água-viva ou água-da-vida).

Águas míticas

A mitologia guarani fala de uma sonhada *Terra-sem-Males*, onde nunca falta água e os frutos nascem espontaneamente, sem serem cultivados. Os gregos acreditavam que no alto do Olimpo havia um bosque verdejante, domínio prazeroso de Zeus e morada dos deuses. No hinduísmo devocional, Krishna é invocado como Senhor dos Rebanhos (*Krishna Govinda*) e amante generoso (*Rahma Krishna*), associado a flores e cascatas, bosques e lagos. Neste ambiente bucólico e agradável, Krishna conduz suas vacas sagradas e se deleita em companhia de suas donzelas, entre as quais Rada, a preferida.

O Paraíso

Nas religiões abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) o Paraíso se assemelha a um pomar irrigado, com rios de águas eternas²³.

²³ Cf. Gn 2,8-15; Ap 22,1-5 e Alcorão: Surata 98.

O jardim e o córrego do Cedron

No Evangelho, diz-se que havia um jardim no Monte das Oliveiras. E Jesus se reunia num jardim irrigado para iniciar os discípulos no seu conhecimento e na sua amizade (cf. Jo 18,1-2).

A fonte lacrada

Algumas narrativas religiosas falam do paraíso como jardim aberto a amigos e fiéis, freqüentado por todas as criaturas. Outras o consideram um jardim secreto, com fontes lacradas. Muitas vezes estas fontes são protegidas por monstros e animais quiméricos: sinal de sua raridade e do alto valor espiritual das torrentes que ali brotam. Um exemplo da raridade e dignidade das fontes aparece no Cântico dos Cânticos, ao tratar do relacionamento esponsal. Neste livro poético – que descreve a beleza e fecundidade do eros humano – a fonte de água viva simboliza o amor. O seu preço não é o ouro dos reis, mas a fidelidade e a entrega mútua do amado e da amada:

*És jardim fechado, minha noiva, minha irmã,
és jardim fechado, uma fonte lacrada.
Teus brotos são pomar de romãs, com frutos preciosos:
cachos de hena com nardos,
nardo e açafrão, canela e cinamomo,
árvores de resina aromática, mirra e aloés e os mais finos perfumes.
A fonte do jardim é poço de água viva
que jorra, descendo do Líbano.
Desperta, vento do norte; aproxima-te, vento do sul:
soprai no meu jardim, para espalhar seus perfumes.
Entre o meu amado em seu jardim
e coma de seus frutos saborosos! (Ct 4,12-16)*

O rio da vida

A busca do jardim da vida, irrigado pela fonte original (*primus fons*), resume o caminho místico de muitas tradições religiosas. Para os hindus, o rio-da-vida se enconde sob uma árvore miraculosa²⁴. Para os alquimistas, ele tem origem subterrânea e suas águas possuem qualidades mercuriais (*aqua mercurialis*)²⁵. Para o profeta Ezequiel, estas águas brotam do lado oriental do Templo em

²⁴ Cf. *Kausitaki-Upanishad* 1,3 apud ELIADE, Mircea, op. cit., p. 237.

²⁵ A alquimia associa água e mercúrio, por causa de seu estado líquido e do papel fundamental que ambos têm no *Opus Magnum*: a obra de transmutação da matéria. Cf. ROOB, Alexander. *Il museo ermetico: alchimia e mistica*. Köln; Milano: Taschen, 1997 (especialmente a introdução). Também MAÇANEIRO, Marcial. *Esoterismo e fé cristã*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 108-114.

Jerusalém (cf. Ez 47,1-12). Para Gertrudes de Helfta, a fonte é o coração aberto de Cristo, ferido de amor²⁶.

O simurgh, a fênix e o pavão

Nas águas originais da fonte-da-vida bebem o Simurgh, a Fênix e o Pavão: aves míticas que simbolizam a sabedoria, imortalidade e beleza. O Simurgh aparece num antigo texto persa, muito apreciado pelo islamismo místico (corrente muçulmana chamada *sufi*). A Fênix, conhecida já dos antigos árabes, quando atingia longos anos de vida, lançava-se sobre as chamas e se deixava consumir. Depois, ressurgia das próprias cinzas, numa espécie de renascimento (um raro exemplo do poder regenerador do fogo, visto que este purifica por destruição). O Pavão é admirado pelas culturas orientais, todo viçoso em sua plumagem colorida. A arte oriental costuma retratar estes pássaros num ambiente paradisíaco, passeando entre arbustos floridos e bebendo calmamente em fontes cristalinas. O simbolismo profundo de cada uma das aves se liga à água, vista como elixir de sabedoria, de imortalidade e beleza: três dádivas da fonte da vida, representadas respectivamente pelo simurgh, pela fênix e pelo pavão.

As torrentes divinas

Nas torrentes de Adonai (IHWH) os justos se saciam, à semelhança das gazelas do deserto (cf. Sl 42). No Apocalipse o “rio da vida” simboliza o próprio Deus no meio do povo (cf. Ap 21,6; 22,1-2). Às suas margens as árvores dão fruto o ano inteiro, garantindo alimento e cura de toda enfermidade (imagem próxima à *Terra-sem-Males* dos tupi-guaranis). Jardins irrigados com água-da-vida aparecem no simbolismo de Hildegarda de Bingen, Gertrudes de Helfta, Teresa de Ávila e João da Cruz²⁷. Ali a alma se une a Deus, como amada com o Amado.

8. Fontes no jardim do Amado

No Livro da Vida santa Teresa instrui sobre os graus de oração. O exercício orante, sob a guia do Espírito Santo, é um processo de cultivo das virtudes e de perseverante busca de Deus. Assemelha-se a alguém que cultiva um jardim – o “jardim da alma”(Vida 17,2). Para isto, aprofunda sua busca de Deus, a fim de retirar águas sempre mais salutares e cristalinas, na oração. Com tais águas, a pessoa irriga seu jardim interior permitindo que ali floresçam as graças que a Trindade quiser semear. Neste espaço de cultivo interior, Deus reparte conosco o ofício de jardineiro (Vida 16,1). Este simbolismo do jardim, das águas e do cultivo

²⁶ Interpretação mística de Jo 19,34. Cf. BERNARD, Charles A. *Il Dio dei mistici* II. Roma: S. Paolo, 1998. p. 314-315.

²⁷ Veja os relatos de Hildegarda de Bingen (*Scivias*), Teresa d'Ávila (*Moradas*), João da Cruz (*Subida do monte Carmelo*) e Gertrudes de Helfta (*Arauto do amor divino*). Indico também meu estudo sobre a “mística do jardim”: MAÇANEIRO, Marcial. *Mística e erótica*. 2a. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 99-107.

é inspirado no Cântico dos Cânticos, evidentemente (cf. Ct 4,15). Mas encontra ecos no Evangelho de João (cf. Jo 7,37-38) e em algumas passagens da literatura apocalíptica, seja do Antigo Testamento (cf. Ez 47), seja do Novo (cf. Ap 21,6).

Teresa fala de quatro estágios ou graus de oração. Cada um mais excelente que o anterior. O caminho orante é comparado à busca de águas sempre melhores para irrigar o jardim interior. A cada grau de oração Teresa chama de águas: água de poço, água de nora, água de arroio, água de chuvas. A cada tipo de água corresponde um *modo de regar*, indicando na verdade um *modo de rezar*.

Parece-me que é possível regar de quatro maneiras:

- *tirando água de um poço, o que nos parece grande trabalho;*
- *tirá-la com nora e alcatruzes movidos por um torno; assim o fiz algumas vezes: dá menos trabalho que a outra e produz mais água;*
- *trazê-la de um rio ou arroio; rega-se muito melhor, a terra fica bem molhada, não é preciso regar com tanta freqüência e o jardineiro faz menos esforço;*
- *contar com chuvas freqüentes; neste caso, o Senhor rega, sem nenhum trabalho nosso, sendo esta maneira incomparavelmente melhor do que as outras. (Vida 11,7)*

A primeira água (tirada do poço mediante intenção, esforço e exercício) corresponde à *oração mental*. É a oração dos iniciantes, mantida com disciplina e uso das faculdades mentais: lê-se um texto sagrado; medita-se; concentra-se a atenção em alguma palavra. Procura-se esculpir o coração com o cinzel das faculdades mentais, mas nem sempre se consegue isto. É oração discursiva e muitas vezes trabalhosa. A alma (pessoa) parece caminhar com suas próprias forças, percebendo-se ora atraída por Deus, ora em aridez e cansaço, lamentando-se em ter que ir ao poço para tirar um pouco de água a cada vez. Neste iniciar a prática da oração, há o esforço em recolher-se, em concentrar os sentidos exteriores para mergulhar na oração interior. Deve-se perseverar sem esmorecer, aprendendo a concentrar-se e a recolher-se na presença de Deus (Vida 11,8-9). Contudo, saiba o orante que nada pode fazer sem o auxílio da bondade divina: é Deus mesmo quem atrai silenciosamente a alma (pessoa), suscitando nela o desejo de buscá-Lo, pela oração mental. Ainda que se vá ao poço muitas vezes, tirando cada vez uma pequenina gota, sentir-se-á grande alegria por essa gota, que já é uma graça em si mesma (cf. Vida 11,11). Aos poucos se aprende e se supera este momento trabalhoso. A alma resultará treinada: mais gratuita e desapegada de seus gostos espirituais, e mais resistente à aridez. Avançando na oração mental, a pessoa verá o quanto Deus foi terno com ela, guiando-a sem se fazer notar, para prepará-la a tesouros ainda maiores (Vida 11,11-12). Então a oração mental passa a ser oração de grande devoção. Pois a pessoa “se devota”, se dedica à oração sinceramente. Mesmo não sendo perfeita, é perseverante: atravessa a aridez na paz, obtém maior liberdade de espírito e afirma-se no amor de Deus (antes mesmo de reconhecer que Ele a amou primeiro) (Vida 11,17). Este devotamento perseverante já é em si uma obra do

Espírito Santo na pessoa: ainda que se manifeste como pequenina gota d'água – como dissemos acima – será sempre uma gota límpida e preciosa. Santa Teresa acrescenta, ainda: quem inicia a oração neste estágio deve permanecer humilde, indo ao poço sempre que preciso. Não procure elevar sua alma sem que Deus mesmo a eleve. Não busque saltar etapas, cansando a mente numa tentativa voluntária de alta contemplação e gosto espiritual (o que seria artificial, além de falta de humildade). Mas mantenha-se perseverante, tirando água do poço sem esmorecer. Se Deus quiser conceder graças mais sublimes, Ele que o faça, por bondade sua e proveito nosso (*Vida* 12,4-7).

A segunda água corresponde à *oração de quietude* (cf. *Vida* 14,1). Estágio que assinala o cultivo das virtudes no coração da pessoa, num processo de conversão e aperfeiçoamento crescentes (*Vida* 14,4). Neste estágio atua o dom espiritual do Temor de Deus, que visa conduzir a pessoa para a Fonte de todas as virtudes (= Deus Trino), superando obstáculos e exercitando maior fidelidade à Divina Majestade (*Vida* 14,7). Embora sinta a advertência do Temor de Deus e o reconhecimento de seus pecados, a pessoa não se desespera, nem se esgota num esforço solitário de conversão. Deus mesmo opera em seu íntimo, aproveitando do consentimento do coração para agir frutuosamente. Daí o sentimento de consolação, de suavidade e de elevação que a pessoa experimenta, ainda que se saiba imperfeita e pecadora (*Vida* 14,2). Pois nada disso cancela o amor que Deus lhe tem derramado interiormente, pelo Espírito Santo (cf. Rm 5,5).

Na *oração de quietude* sente-se paz ardente de amor, quietude de quem se percebe sumamente amado e, por sua vez, ama serenamente, pois recebeu o dom de amar. Mas nem por isso a alma perde suas faculdades, seu gosto e sua atração por Deus. Por isso, Teresa diz que esta oração – ainda que na quietude – é semelhante a uma centelha incandescente (cf. *Vida* 15,1-4.5).

A terceira água – que é água corrente de rio ou de fonte – corresponde à oração de amor. Aqui, Deus mesmo assume o papel de jardineiro, para que a alma repouse (cf. *Vida* 17,1). Estágio mais avançado em relação à oração de quietude, o terceiro grau sintetiza contemplação e ação sem prejuízo para a alma (*Vida* 17,4). Fruto: união crescente (ainda não plena) com Deus (cf. *Vida* 17,5).

Enfim, a quarta água – corresponde à oração de união (cf. *Vida* 18,1). Coroa o processo de amor e enamoramento do estágio anterior. Plenifica de modo sublime e inefável a união já em andamento, agora só superada pela união escatológica no céu (*Vida* 18, 2-3). Resultados: além da elevação (momentânea), vive-se num estado de união (que tende a perdurar, acenando para a união escatológica): efeitos em *Vida* 18,6-7. Teresa retoma o simbolismo da água e diz: *Vida* 18,9. O efeito maior não são os arroubos e vôos do espírito, mas a união transformante com Deus (cf. *Vida* 18,14).

Conclusão

1) Por seu significado vital – mas também por sua clareza, movimento e vigor – a água tem impressionado o *homo religiosus* de todos os tempos e culturas. A água é tão essencial à vida, que logo ocorreu a passagem de seu significado ecológico-natural ao simbólico-religioso. Ainda que as analogias alcancem altos níveis de elaboração (mitologias, enigmas, divindades), nunca aparecem como fato destacado do fenômeno concreto da água e seus ciclos (nascentes, rios, lagos, mares e tempestades).

2) Na passagem da esfera ecológico-natural à esfera simbólico-religiosa entra em ação uma sutil percepção da realidade: o cosmos é sentido como uma unidade, uma totalidade de relações, onde o *homo religiosus* se situa (tempo/espaço) e elabora suas interpretações (mitos/ritos). Esta sutil percepção – esta “intuição religiosa”, no sentido original de *religio, religare* – mostra que o ser humano, há séculos, vem desenvolvendo uma capacidade hermenêutica marcadamente *simbólica*: um exercício específico da inteligência, que não estaciona no meramente evidente ou conceitual, mas se abre ao infinito, à beleza, aos vínculos entre a natureza, a própria pessoa e o mistério que transparece em todas as coisas. Eu chamaria esta percepção de “inteligência simbólica”, “afetiva” ou “estética”. Daí a intuição do Sagrado no elemento água.

3) Num contexto mundial que nos exige “saber usar” a água, as Religiões nos ensinam a “saber cuidar”. Defendemos políticas e legislações para uma melhor gestão de recursos hídricos, visando seu uso adequado. Mas precisamos respeitar a sacralidade da água, nos marcos da ecologia integral, se quisermos promover a cidadania e a solidariedade em nível global. Usar não basta. Há que “saber cuidar” da água, como ensinam as Religiões.

Ensaio disponibilizado pela

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA O ECUMENISMO
E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO da CNBB

D. José Alberto Moura – presidente
Pe. Marcial Maçaneiro scj - assessor